

## 2

# O ESTADO DA QUESTÃO

### 1.1

#### Os Doze Profetas

O livro de Malaquias, objeto de estudo desta tese, pertence ao número dos Profetas Menores, assim chamados – não por sua importância, mas pela extensão de seus escritos – pelo menos desde Agostinho<sup>1</sup>, sendo o último livro desse conjunto, que segue na Bíblia Hebraica os assim chamados Profetas Maiores (Isaías, Jeremias, Ezequiel), e também é conhecido como os Doze Profetas – *Dodekapropheton*, ou simplesmente os Doze.

Durante a maior parte do chamado período crítico dos estudos bíblicos, iniciado no séc. XVIII, os Doze foram tratados como livros individuais. Nas últimas décadas, tem encontrado muitos proponentes a hipótese de que os Doze formam uma unidade, um livro<sup>2</sup>. Uma questão que muito se debate atualmente na pesquisa sobre os Profetas Menores é se eles constituem um único livro ou doze.

---

<sup>1</sup> Cf. AGOSTINHO, *Cidade de Deus*, XVIII, 29: “Isaías não é do número dos doze profetas chamados menores, porque suas profecias são breves, comparadas com as dos chamados maiores, que compuseram extensos volumes”.

<sup>2</sup> Vários nomes se destacam nessa linha de pesquisa, entre eles: Paul R. HOUSE, *The Unity of the Twelve* (JSOTSup. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990); James D. NOGALSKI, *Literary Precursors to the Book of the Twelve* (BZAW 217. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1993) e *Redactional Processes in the Book of the Twelve* (BZAW 218. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1993); Barry A. JONES, *The Formation of the Book of the Twelve: A Study in Text and Canon* (SBLDS 149. Atlanta: Scholars Press, 1995); Aaron SCHAT, *Entstehung des Zwölfprophetenbuchs* (BZAW 260. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1998). Também é digno de destaque que a *Society of Biblical Literature* tem promovido, desde 1994, um seminário sobre os Doze Profetas, intitulado “Formation of the Book of the Twelve Seminar”. Textos apresentados nesse seminário têm sido publicados em volumes como *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, editado por James D. NOGALSKI e Marvin A. SWEENEY (SBLSS 15. Atlanta: SBL, 2000) e *Thematic Threads in the Book of the Twelve*, editado por Paul L. REDDITT e Aaron SCHAT (BZAW 325. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2003). Cf. ainda James W. WATTS & Paul R. HOUSE (eds.), *Forming Prophetic Literature. Essays on Isaiah and the Twelve in Honor of John D. W. Watts*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.

Apresentaremos a seguir argumentos favoráveis e contrários a essas duas posições, segundo seus defensores e oponentes<sup>3</sup>.

De acordo com os partidários da tese de que os Doze formam uma unidade, esse conjunto era considerado um único livro nos tempos mais antigos, conforme acreditam poder perceber em várias fontes judaicas e cristãs primitivas. Assim, o que se verificaria na época atual seria um retorno ao tratamento desse conjunto como uma unidade, após um silêncio quase completo da crítica bíblica sobre esse assunto.

O conjunto dos Doze parece já estar formado no século II a.C. É o que faz pensar a referência encontrada no livro do Eclesiástico (ou Sirácida), obra cuja data de composição é situada pelos estudiosos em torno do ano 180 a.C., e cuja tradução foi realizada por seu neto, provavelmente no ano 132 a.C., como se pode deduzir de seu prólogo. Nesse livro, na seção chamada “Elogio dos antepassados”, contida nos capítulos 44-50, após referir-se a Isaías (48.22), Jeremias (49.7) e Ezequiel (49.8), citados segundo a ordem da Bíblia Hebraica, Jesus Ben Sirac fala dos Doze Profetas, em 49.10, referindo-se a eles como um conjunto<sup>4</sup>.

A tradição textual massorética é constante em apresentar os Doze em um único rolo, com seus escritos sempre na mesma seqüência: Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias. O material encontrado nas grutas de Qumran evidencia que a ordem dos livros no texto massorético parece já estar definida em torno de 150 a.C., embora o manuscrito 4QXIIa possa ser uma exceção, com Jonas em último lugar, após Malaquias<sup>5</sup>.

<sup>3</sup> Para a apresentação do *status quaestionis* da pesquisa sobre os Doze, pode-se ver, entre outros textos, a Introdução da obra de NOGALSKI, *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, p. 1-19; o Capítulo 1 da de JONES, *The Formation of the Book of the Twelve*, p. 1-42; o artigo de Donatella SCAIOLA, “Il Libro dei Dodici Profeti Minori nell’Esegesi Contemporanea. *Status Quaestionis*”, in: *Rivista Biblica Italiana XLVIII* (2000), p. 319-334; e o artigo de Paul L. REDDITT, “The Formation of the Book of the Twelve: A Review of Research”, in: *Thematic Threads in the Book of the Twelve*, p. 1-26.

<sup>4</sup> O prólogo do Eclesiástico, aliás, faz por três vezes menção da divisão tripartida da Bíblia Hebraica, ainda que não seja certo que essas três partes tivessem já naquela época o mesmo conteúdo e extensão que possuem hoje, sobretudo com relação à terceira delas. Eclo 49.10, segundo a BJ, diz: “Quanto aos doze profetas, que seus ossos refloresçam de seu sepulcro, porque eles consolaram Jacó, eles o resgataram na fé e na esperança”. Se a referência é exatamente às pessoas dos profetas ou aos livros que levam seus nomes é uma questão discutida, mas o fato de se falar dos “ossos” dos doze profetas parece favorecer a conclusão de que se trata das pessoas e não dos escritos. Não se pode asseverar, portanto, que o Sirácida estivesse pensando no conjunto dos doze profetas como uma unidade literária.

<sup>5</sup> Cf. JONES, *Formation*, p. 6.

Na Septuaginta, tradução das Escrituras Sagradas do hebraico para o grego, realizada ainda antes da era cristã, encontramos uma mudança na ordem dos seis primeiros livros, em relação à que encontramos no texto massorético, estando os seis últimos na mesma ordem em ambos os testemunhos de transmissão do texto dos Doze. Enquanto o TM traz, em seqüência, Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, a LXX apresenta esses livros na seqüência: Oséias, Amós, Miquéias, Joel, Obadias, Jonas. Mas todos os testemunhos conhecidos de transmissão do texto dos Doze, tanto do TM quanto da LXX, os apresenta em conjunto, num mesmo rolo. A LXX chega a colocá-los todos sob o título *Dodekaprópheton*<sup>6</sup>.

Uma passagem do Novo Testamento, Atos 7.42s, cita o trecho de Amós 5.25-27, segundo a versão grega dos LXX, chamando sua fonte de “o livro dos profetas”, o que parece poder ser entendido como referência ao rolo dos Doze<sup>7</sup>. Porém, outras duas passagens de Atos não parecem confirmar esse entendimento: Atos 13.40s cita Habacuque 1.5, encabeçando a citação com “o que está dito nos profetas”; e Atos 15.15-18 cita Amós 9.11s, referindo-se à fonte da citação como “as palavras dos profetas”, o que faz pensar que o autor de Atos tem em mente todo o *corpus* profético. E duas outras citações neotestamentárias de escritos que integram o conjunto dos Doze são feitas pelo nome do profeta ao qual o escrito está relacionado, a saber: Romanos 9.25s, que cita em seqüência Oséias 2.25 e 2.1, e Atos 2.16-21, que cita Joel 3.1-5.

Flávio Josefo (c. 38-100 d.C.) parece ter contado os Doze como um só livro, entre os vinte e dois (número que parece aludir às letras do alfabeto hebraico) que ele cita como os registros de tempos passados: cinco de Moisés – certamente os livros do Pentateuco atual: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio –, treze recordando eventos entre Moisés e Artaxerxes – incluindo com grande probabilidade Josué, Juízes (mais Rute), Samuel, Reis, Isaías, Jeremias (mais Lamentações), Ezequiel, *Dodeka*, Crônicas, Esdras-Neemias, Jó,

<sup>6</sup> Para os partidários da unidade dos Doze, a despeito da diferença na ordem, a LXX também confirmaria a idéia de que o conjunto dos Doze constitui um único corpus literário. Cf. infra as críticas de ben Zvi.

<sup>7</sup> Note-se, entretanto, que o texto de Atos diz: “como está escrito no livro dos profetas”, e não “no livro dos doze profetas”, como talvez fosse de se esperar, caso este fosse seu título e a obra mencionada fosse apenas o rolo dos Doze. Nada impede que se pense que a expressão se refira ao *corpus* profético como um todo. (Contra JONES, *Formation*, p. 10).

Ester, Daniel) –, e quatro contendo hinos e preceitos – que devem ser Salmos, Provérbios, Cânticos dos Cânticos e Eclesiastes<sup>8</sup>.

No livro pseudepígrafo de 2 Esdras, os Doze figuram também como um só livro, entre os vinte e quatro de que se diz que Esdras ditou e fez publicar<sup>9</sup>.

No Talmude babilônico, no tratado Baba Batra, 13b-15a, encontramos referências que também serviriam de confirmação da unidade do Livro dos Doze. Em primeiro lugar, essa passagem fornece instruções para a cópia de livros bíblicos. Tais instruções estabelecem quatro linhas como espaçamento entre os livros canônicos, mas fazem uma exceção quanto ao Livro dos Doze, requerendo como intervalo entre os livros apenas três linhas<sup>10</sup>. Em segundo lugar, essa passagem se refere à ordem em que os livros bíblicos aparecem, e cita os Doze coletivamente, como um único livro, não doze livros individuais<sup>11</sup>.

Na literatura cristã, a mais antiga lista de livros das Escrituras hebraicas que sobreviveu, preservada por Eusébio de Cesaréia, é a de Melito de Sardes (morto em cerca de 190), que também fala dos Doze Profetas como constituindo um livro<sup>12</sup>.

Agostinho (354-430) seria outro a entender que os Doze formavam um só livro, enumerando os elementos desse grupo na mesma seqüência do texto hebraico<sup>13</sup>.

<sup>8</sup> Cf. Flávio JOSEFO, *Contra Apion*, I.8.

<sup>9</sup> Cf. 2 Esdras 14.44-45. Outras três obras pseudepigráficas referem-se aos Doze. Em 4 Esdras 1.39s, os Doze são listados na mesma ordem encontrada na LXX. Na obra intitulada *As Vidas dos Profetas*, a seqüência é quase idêntica à da LXX, sendo a única diferença o fato de que Miquéias antecede Amós. E em *O Martírio e Ascensão de Isaías* 4.22, os Doze aparecem na seguinte ordem: Amós, Oséias, Miquéias, Joel, Naum, Jonas, Obadias, Habacuque, Ageu, Sofonias, Zacarias e Malaquias. A partir de todas as ordens conhecidas, parece que se pode afirmar que algum princípio cronológico governou a disposição dos livros na edição final do conjunto dos Doze. Os exegetas, de um modo geral, concordam em que Oséias, Amós e Miquéias devem ser situados no séc. VIII a.C.; Naum, Habacuque e Sofonias, no séc. VII; Ageu, Zacarias e Malaquias no período pós-exílico, nos séc. VI/V. Quanto a Joel, Obadias e Jonas, não se sabe ao certo sua data de composição, mas a maioria dos estudiosos admite que devam ser situados também no período pós-exílico.

<sup>10</sup> O texto diz (cf. BEN ZVI, “Twelve Prophetic Books or ‘The Twelve’: A Few Preliminary Considerations”, p. 132):

בין חומש לחומש של תורה ארבעה שיטין  
ובין כל נביא לנביא ובנביא של שנים עשר ג' שיטין

<sup>11</sup> Cf. NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 3; ver infra as críticas de ben Zvi.

<sup>12</sup> Cf. EUSÉBIO de Cesaréia, *História Eclesiástica*, IV, 26. Melito lista os Profetas Menores como *tôn dodeka en monobiblō*, “os Doze em um livro”, cf. JONES, *Formation*, p. 12.

<sup>13</sup> Cf. AGOSTINHO, *A Doutrina Cristã*, II, 8, 13: “Como estão conexos e nunca foram separados, são contados como um só livro”. Note-se que Agostinho diz que os Doze são *contados* como um só livro, o que não significa que necessariamente eles *sejam* um só livro e que ele os visse assim.

Jerônimo (morto em 420) também confirmaria a unidade do Livro dos Doze, ao afirmar no prólogo de sua tradução dessa seção das Escrituras: “unum librum esse duodecim prophetarum”<sup>14</sup>.

Também falaria em favor da unidade do conjunto o fato de o TM trazer uma *massora finalis* para todo o conjunto, e não apenas para cada escrito individual, e uma indicação do versículo central do conjunto (em Mq 3.12), como ocorre também, por exemplo, com o Pentateuco, cuja unidade é amplamente aceita.

Embora a hipótese de que o conjunto dos Doze deva ser lido como uma obra literária unitária tenha se desenvolvido com mais força nas últimas décadas, é possível observar que, já desde a segunda metade do séc. XIX, exegetas críticos têm tratado do processo de composição do Livro dos Doze como uma unidade. Mas como o Livro dos Doze se teria formado? Como teria vindo a se constituir essa unidade? Esta é uma indagação que os defensores da unidade dos Doze têm buscado responder. Tais estudiosos podem ser divididos em dois grupos: os que propõem que o suposto Livro dos Doze seria resultado de um extenso processo redacional ao longo dos séculos e os que propõem que o referido livro seja visto como uma compilação editorial.

Karl Budde foi o primeiro estudioso a defender a idéia de que os Doze sejam fruto de trabalho redacional. Para ele, o Livro dos Doze originou-se da redação sistemática de tradições proféticas com vistas à criação de um livro que contivesse unicamente discurso divino, do qual estivessem ausentes palavras “meramente humanas”, e que assim estivesse apto a ser aceito no *corpus* de escritos sagrados. Tal atividade redacional teria ocorrido no século IV ou III a.C., buscando apaziguar os precursores de grupos como os samaritanos e saduceus, que viam apenas a Torá como autoritativa<sup>15</sup>.

Rolland Emerson Wolfe sugere uma história redacional para o Livro dos Doze em treze estratos ou camadas, desenvolvendo-se entre meados do séc. VII a.C. e o início do séc. II a.C. Esses estratos seriam: 1. O editor judaíta de Oséias

<sup>14</sup> JERÔNIMO, “Incipit Prologus Duodecim Prophetarum”, in: *Biblia Sacra iuxta Vulgatam Versionem* (Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1983), p. 1374.

<sup>15</sup> Cf. JONES, *Formation*, p. 14-16. Segundo Jones, contra os argumentos de Budde, contam-se a falta de evidência direta para o material supostamente eliminado; a presença de algum material biográfico remanescente (e.g. Os 1-3; Am 7.7-14) e a falta de evidência histórica para os grupos que teriam questionado a santidade da literatura profética.

(c. 650); 2. O editor anti-lugares altos (621-586); 3. O editor exílico tardio (540-500); 4. O editor anti-vizinhos (500-450); 5. O messianista (520-445); 6. Os editores da escola nacionalista (360-300); 7. O editor do “dia de YHWH” (325); 8. Os escatologistas (310-300); 9. O doxologista (período pós-exílico primitivo); 10. O polemista anti-ídolos (300-275); 11. O editor salmista (275-250); 12. Os escribas primitivos (250-225); 13. As escolas de escribas posteriores (200-175). Wolfe postula o crescimento do corpus dos Doze em grupos de dois, seis, nove e doze escritos. Os dois são Oséias e Amós; a eles foram acrescentados Miquéias, Sofonias, Naum e Habacuque, para formar seis; Joel, Jonas e Obadias foram acrescentados para fazer nove; Ageu, Zacarias e Malaquias completam o número de doze<sup>16</sup>.

Joseph Blenkinsopp fala de acréscimos aos escritos no Livro dos Doze, substanciais em vários deles, de caráter escatológico, que provariam que eles formam mais do que uma simples coleção de escritos independentes<sup>17</sup>.

Peter Weimar, em um estudo sobre Obadias, afirma que o ponto de partida do corpus dos Doze foi uma coleção deuteronomista (inclunido Oséias, Amós, Jonas, Miquéias e Sofonias), baseado nos títulos e no conteúdo dos livros. A esta coleção foram acrescentados Obadias, Naum e Habacuque pelo fim do exílio. Ageu, Zacarias 1-8 e Malaquias teriam possivelmente entrado no corpus em outro nível redacional do livro, enquanto que Joel e Zacarias 9-14 foram acrescentados mais tarde. Weimar fala também de “ligações cruzadas” (*Querverbindungen*) entre os escritos, produzidas com a ajuda de “correspondências de palavras-gancho” (*Stichwortentsprechungen*)<sup>18</sup>. Tanto as observações de Blenkinsopp quanto as de Weimar levantam a possibilidade de que a forma final dos escritos individuais que compõem os Doze tenha sido afetada por sua transmissão e/ou incorporação no conjunto do Livro dos Doze<sup>19</sup>.

Erich Bosshard, em recente artigo sobre o Livro dos Doze, no qual faz observações sobre a unidade desse conjunto de escritos, documenta uma forte correlação de temas e vocabulário que aparece em locais paralelos entre Isaías e o

<sup>16</sup> WOLFE, Rolland Emerson. “The Editing of the Book of the Twelve”, *ZAW* 53 (1935), p. 90-129. Cf. também NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 5s; JONES, *Formation*, p. 16-19.

<sup>17</sup> BLENKINSOPP, Joseph. *Prophecy and Canon* (Notre Dame: Notre Dame Press, 1977), p. 106-108. Cf. também NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 8s.

<sup>18</sup> WEIMAR, Peter. “Obadja. Eine redaktionskritische Analyse”, *BN* 27 (1985), p. 35-99. Apud NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 8s.

<sup>19</sup> Cf. NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 9.

Livro dos Doze. Este fenômeno exibe uma continuidade substancial, falhando apenas com Jonas e Malaquias. O autor afirma que várias das passagens contendo paralelos (Joel 1.15; 2.1-11; Ob 5s, 15ss; Sf 2.13-15; 3.14-18) demonstram sinais de formulação redacional em que as passagens do Livro dos Doze deliberadamente assumem o vocabulário e motivos das passagens de Isaías. Por fim, Bosshard esforça-se por relacionar os paralelos ligados a Isaías no Livro dos Doze a ênfases redacionais em Isaías. Seu trabalho busca prover evidência para afirmar que os mesmos círculos transmitiram Isaías e o Livro dos Doze durante um período de tempo significativo, que afetou a forma do corpus posterior<sup>20</sup>.

Entre os que vêem o suposto Livro dos Doze como fruto de um trabalho de compilação editorial, o primeiro nome a surgir é o de Heinrich Ewald (1803-1875), que propõe um processo de coleção em três estágios, baseado nas informações contidas nos títulos dos livros. O primeiro estágio é datado por ele no século VII a.C., contendo os livros de Joel, Amós, Oséias, Miquéias, Naum e Sofonias. O segundo estágio consiste da adição pós-exílica de Obadias, Jonas, Habacuque, Ageu e Zacarias 1-8, com um reordenamento do corpus. O terceiro estágio se deu nos últimos anos de Neemias, acrescentando Zacarias 9-14 e Malaquias<sup>21</sup>.

Carl Steuernagel determina sete estágios na formação do Livro dos Doze, a partir das características formais dos títulos. O primeiro estágio teve lugar durante o reinado de Josias, contendo Oséias, Miquéias e Sofonias. O segundo acrescentou Amós, durante o exílio. O terceiro, Ageu e Zacarias, por volta de 500 a.C. O quarto, uma forma original do livro de Naum, antes de 300 a.C. O quinto, Habacuque e o capítulo primeiro de Naum, cerca de 300 a.C. O sexto, Zacarias 9-14, pouco depois. O sétimo estágio acrescentou Joel, Obadias e Jonas, no século III a.C.<sup>22</sup>

<sup>20</sup> BOSSHARD, Erich. "Beobachtungen zum Zwölfprophetenbuch", *BN* 40 (1987), p. 30-62. A esse respeito, veja-se também: BOSSHARD-NEPUSTIL, Erich. *Rezeptionen von Jesaja 1-39 im Zwölfprophetenbuch*. OBO 154. Fribourg, Suisse: Éditions Universitaires; Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1997. Cf. ainda NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 9s.

<sup>21</sup> Cf. EWALD, Heinrich. *Die Propheten des Alten Bundes erklärt* (2. ed. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1868), p. 74-82. Apud NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 4. Cf. JONES, *Formation*, p. 23s.

<sup>22</sup> Cf. STEUERNAGEL, Carl. *Lehrbuch der Einleitung in das Alte Testament* (Tübingen: Mohr, 1912), p. 669-672. Apud NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 4s. Note-se que não há referência ao livro de Malaquias.

Dale Allen Schneider, influenciado por artigos de Franz Delitzsch e Umberto Cassuto<sup>23</sup>, que mencionam a importância das palavras-gancho (*catchwords*) como um princípio para a coleção dos escritos no Livro dos Doze, propõe um “crescimento gradual de tradições proféticas” em quatro estágios. O primeiro estágio consiste de Oséias, Amós e Miquéias, que formam o núcleo do Livro dos Doze, surgido no tempo de Ezequias; o segundo estágio se deu quando a coleção composta de Naum, Habacuque e Sofonias, surgida na época de Josias, foi adicionada à coleção anterior, durante o exílio; no terceiro estágio, os livros de Joel, Obadias e Jonas foram acrescentados aos seis primeiros, no período exílico tardio; no quarto estágio, os livros de Ageu, Zacarias e Malaquias teriam sido acrescentados, pelo fim do séc. V a.C. Porém, Schneider entende que os profetas são os autores de suas próprias obras e reuniram as obras de profetas anteriores que os influenciaram. Ele trabalha contra a idéia de uma atividade redacional multidimensional, não levando a sério o crescimento dos textos ao longo de várias gerações. Assim, embora admitindo a presença e importância do fenômeno das palavras-gancho no Livro dos Doze, assume aprioristicamente que a forma dos escritos não foi afetada por essas palavras-gancho<sup>24</sup>.

Por sua vez, Andrew Y. Lee sustenta, por um lado, que há uma atividade redacional pós-exílica no Livro dos Doze, a qual “eleva”, por assim dizer, o senso de esperança; por outro lado, ele alega que a maioria das passagens que falam de esperança, tipicamente consideradas como acréscimos redacionais, são, em realidade, pertencentes ao nível primário das obras em que se encontram, ou seja, entraram no corpus dos Doze como parte da transmissão dos livros individuais. Para esse autor, o livro dos Doze é simplesmente uma coleção compilada no tempo e sob a direção de Neemias<sup>25</sup>.

Terence Collins também pensa em termos de uma formação do Livro dos Doze em quatro estágios: (1) um estágio exílico combinando Oséias, Amós (incluindo o cap. 9), Miquéias (incluindo os caps. 4 e 5), Naum, Sofonias e

<sup>23</sup> DELITZSCH, Franz. “Wann weissagte Obadja?”, *ZLThK* 12 (1851), p. 91-102; CASSUTO, Umberto. “The Sequence and Arrangement of the Biblical Sections” (1947), in *Biblical and Oriental Studies*, vol. 1 (Jerusalém: Magnes Press, 1973). Apud NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 6.

<sup>24</sup> SCHNEIDER, Dale Allen. *The Unity of the Book of the Twelve* (Yale University PhD Dissertation, 1979). Cf. NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 6s; JONES, *Formation*, p. 24-28.

<sup>25</sup> LEE, Andrew Y. *The Canonical Unity of the Scroll of the Minor Prophets* (PhD Dissertation: Baylor University, 1985). Apud NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 7s, 14. Cf. JONES, *Formation*, p. 29s.

Obadias; (2) um estágio pós-exílico estimulado pela reconstrução do templo, que acrescentou Ageu, Zacarias 1-8 e expansões ao livro de Sofonias, esp. Sf 3.9-20, Jonas e possivelmente também Joel; (3) um estágio datado de meados do século quinto, que acrescentou Joel (se ainda não estava presente), Habacuque, Malaquias e alguns acréscimos escatológicos, notadamente a Sofonias; e (4) acréscimos posteriores, especialmente Zacarias 9-14 e Malaquias 3.22-24<sup>26</sup>.

James Nogalski, em seu estudo em dois volumes sobre o Livro dos Doze, apresenta, como motivação de seu trabalho, dois fenômenos: primeiro, a existência de tradições de longa data, remontando à antiguidade, que tratam os escritos do Livro dos Doze como uma unidade. Segundo ele, tais tradições indicam claramente que esses escritos não foram apenas transmitidos em um único rolo, mas também considerados como um único livro<sup>27</sup>.

O segundo fenômeno é o uso de palavras-gancho (*catchwords*) para unir dois escritos subseqüentes, que, de acordo com Nogalski, é muito consistente. Ele mostra como o fim de um escrito contém várias palavras e frases que reaparecem no início do escrito seguinte. O fenômeno não se apresenta em todos os escritos que compõem os Doze, mas isto também é significativo para iluminar outro fenômeno. As duas passagens que não exibem o fenômeno das palavras-gancho são: Jonas 4, sem ligações fortes com Miquéias 1, e Zacarias 14, sem laços estreitos com Malaquias 1. Mas, se Jn 4 não se liga a Mq 1 por palavras-gancho, o hino de Jn 2.3ss compartilha palavras comuns com Mq 1. E, se se remove Jonas de consideração, uma conexão ainda mais forte aparece entre os versículos finais de Obadias e os versículos iniciais de Miquéias. Isto levanta a questão a respeito de se o hino entrou no livro de Jonas quando de sua incorporação aos Doze, e ao mesmo tempo sugere a possibilidade de que o livro de Jonas como um todo tenha sido inserido em um contexto previamente existente entre Obadias e Miquéias. Quanto ao segundo caso, se Zc 14.1ss não apresenta fortes conexões com Ml 1.1ss, Zc 8.9ss o faz. Isto é indicativo de que Zc 1-8 deve ter existido como corpus independente, antes do acréscimo de Zc 9-14. Assim, como no caso de Jonas,

<sup>26</sup> COLLINS, Terence. *The Mantle of Elijah: The Redaction Criticism of the Prophetic Books*. (Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993). Cf. também REDDITT, Paul L. "The Formation of the Book of the Twelve: A Review of Research", in: REDDITT and SCHAT, *Thematic Threads*, p. 2s.

<sup>27</sup> NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 12.

pode-se pensar que havia uma ligação entre Zc 1-8 e Ml, que foi obscurecida pela inserção entre eles de Zc 9.1-4 num contexto já existente<sup>28</sup>.

O fenômeno das palavras-gancho, para Nogalski, não é acidental. Ele indica que a unidade atual do Livro dos Doze é produto de trabalho redacional, embora nem toda ocorrência de palavras comuns reflita a mão de um redator. Isto significa que os escritos que integram o Livro dos Doze não foram simplesmente incorporados ao conjunto em sua forma final, como pensam vários estudiosos, mas que há um processo intencional de crescimento dos escritos no corpus, que os afetou em maior ou menor extensão, dependendo de cada caso, e que pode ser detectado e demonstrado, com maior ou menor certeza, também variando de caso para caso, articulando-os entre si<sup>29</sup>.

Assim, Nogalski fala, no primeiro volume de sua obra, de “precursores literários” ao Livro dos Doze, que são duas coleções de escritos formadas e transmitidas antes da compilação do Livro dos Doze, o corpus deuteronomista (composto de Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias) e o corpus Ageu-Zacarias (composto de Ag e Zc 1-8), cujas passagens iniciais e finais receberam adaptações mínimas, geralmente em forma de curtas glosas redacionais e pequenas expansões editoriais, orientadas especificamente para o Livro dos Doze<sup>30</sup>.

No segundo volume de sua obra, Nogalski trata dos escritos restantes que integram o Livro dos Doze, Joel, Obadias, Naum, Habacuque, Malaquias, Jonas e Zacarias 9-14, que sofreram uma atividade redacional mais marcante. O autor fala da existência daquilo que chama de “camada relacionada a Joel” (*Joel-related layer*). Esta camada combinou o corpus deuteronomista e o corpus Ageu-Zacarias, e expandiu-se sobre a estrutura cronológica suprida por esses corpora, incorporando Joel, Obadias, Naum, Habacuque e Malaquias aos dois corpora pré-existentes. Desses escritos, Naum e Habacuque são considerados como tendo tido uma existência como obras literárias com estruturas reconhecíveis, mas também como tendo sido substancialmente expandidos para o horizonte literário mais amplo, o do Livro dos Doze. Joel e Obadias, por sua vez, parecem ter sido compilados, a partir da adaptação de material existente, como parte da produção literária do Livro dos Doze. Joel, segundo Nogalski, serviu como âncora literária

<sup>28</sup> NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 13s.

<sup>29</sup> NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 14-19 et passim.

<sup>30</sup> NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 18, 276-282.

para o corpus mais amplo<sup>31</sup>. Malaquias, o quinto escrito dessa camada, assim como Naum e Habacuque, teria também tido uma existência independente como uma disputa profética, mas não em sua forma atual, também expandida para integração do escrito no horizonte literário mais amplo dos Doze. Após a inserção da camada relacionada a Joel, dois outros blocos de textos entraram no corpus para completar o Livro dos Doze: Jonas e Zacarias 9-14<sup>32</sup>.

Em artigo publicado poucos anos depois, Nogalski volta à questão da unidade dos Doze, trabalhando com detalhes a categoria da intertextualidade<sup>33</sup>. Para ele, o Livro dos Doze exhibe pelo menos cinco tipos diferentes de intertextualidade: citações, alusões, palavras-gancho, motivos e elementos emolduradores (ou estruturadores)<sup>34</sup>. Por citação, o autor entende “o uso de uma frase, sentença ou parágrafo preexistente que é tomado de outra fonte”<sup>35</sup>. Uma alusão “consiste de uma ou mais palavras cuja ocorrência pretende evocar a lembrança do leitor de outro texto (ou textos) para um propósito específico”<sup>36</sup>. As palavras-gancho “funcionam como um tipo de alusão pela utilização/reutilização de palavras significativas para se referir a outros(s) texto(s)”<sup>37</sup>. Temas e motivos são desenvolvidos naturalmente em obras literárias, as quais os usam como elementos para “contar a história” ou comunicar sentido<sup>38</sup>. Os elementos emolduradores constituem uma categoria um tanto mais ampla, na qual se incluem pelo menos cinco tipos: os títulos, que desempenham um papel-chave na macroestrutura dos Doze, sendo que seis deles provêm a estrutura cronológica do

<sup>31</sup> Sobre essa questão, veja-se também o artigo posterior de NOGALSKI, “Joel as ‘Literary Anchor’ for the Book of the Twelve”, in: NOGALSKI & SWEENEY, *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, p. 91-109.

<sup>32</sup> Cf. NOGALSKI, *Redactional Processes*, p. 274-280.

<sup>33</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, in: WATTS & HOUSE, *Forming Prophetic Literature*, p. 102-124.

<sup>34</sup> No original, *framing devices*. Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 103.

<sup>35</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 103. Como exemplos, o autor aponta a citação de Jr 49.9, 14-16 por Ob 1-5, ainda que com adaptações, e de Am 1.2 por Jl 4.16, cf. p.104-108.

<sup>36</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 109. Uma alusão pode ser interna ou externa. Como exemplo do primeiro tipo, cita-se Jl 4.18-20 como alusão a Jl 1-2; do segundo, a imagem dos gafanhotos e o motivo da abundância agrícola, que ocorrem em vários textos dos Doze, cf. p. 110s.

<sup>37</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 112. Como exemplos, citam-se vários textos em que ocorrem imagens e termos ligados à agricultura, cf. p. 113-116.

<sup>38</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 116. Como exemplos, são oferecidos os motivos do gafanhoto e da abundância agrícola, ilustrados por diversos textos, e mencionado o tema do dia de YHWH, cf. p. 116-118.

todo e representam o maior grupo que influencia a leitura dos Doze<sup>39</sup>; a repetição ou recorrência de gêneros similares, especialmente nos começos e finais de escritos<sup>40</sup>; os paralelos estruturais, encontrados em passagens adjacentes nas junções dos escritos<sup>41</sup>; a justaposição de palavras-gancho, nos começos e finais dos livros, realçando a tensão entre uma promessa e uma realidade presente<sup>42</sup>; e alusões canônicas, como as encontradas em Zc 13.9, que alude a Ml 3.3 e Os 2.25 (fim e início do livro dos Doze); Zc 14.1-21, que alude a Is 2 e 66 (início e fim do primeiro dos Profetas Posteriores); e Ml 3.2-24, que alude a Js 1.2, 7 (início dos Profetas Anteriores)<sup>43</sup>. Para Nogalski, todos esses elementos emolduradores, advenientes da redação, servem para transformar livros outrora independentes que hoje fazem parte dos Doze em um único livro, e são o mais forte argumento em favor da unidade dos Doze.

Aaron Schart reconhece a importância dos dois volumes de Nogalski, acima referidos, para a questão do crescimento do Livro dos Doze, e constrói sobre eles. Ele nota a relativa indiferença de Nogalski ao surgimento do corpus deuteronômico e começa por aí, descobrindo um primeiro estágio com a formação de uma obra em dois volumes, abarcando versões primitivas de Amós e Oséias. Segue-se um segundo estágio, constituído pela formação do corpus deuteronômico, com quatro volumes: Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias. Então, Schart volta-se para o surgimento do restante do Livro dos Doze, discordando de Nogalski quanto à centralidade de Joel. O estágio três foi a expansão do corpus deuteronômico, com a inserção do corpus constituído por Naum e Habacuque. O corpus Ageu-Zacarias foi acrescentado no estágio quatro;

<sup>39</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 119. O autor se refere aos títulos de Os, Am, Mq e Sf, de um lado, e de Ag e Zc, de outro, todos contendo indicações cronológicas e ordenados cronologicamente, sendo que, em Zg e Zc, referências cronológicas ocorrem em vários textos. Um segundo grupo de títulos relacionados é Zc 9.1; 12.1; Ml 1.1, todos utilizando a expressão “carga (ou oráculo) da palavra de YHWH”. Num terceiro grupo, o autor coloca os demais títulos, cf. p. 119-121.

<sup>40</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 121. Exemplos dados são o gênero “visão”, no título de Obadias, caracterizando este pequeno livro que segue as cinco visões de Amós, e os retratos de teofanias de juízo, que abrem (nos casos de Mq, Na e Sf) ou fecham (no caso de Hc) quatro livros sucessivos.

<sup>41</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 122. Exemplos são Am 9/Ob e Na 3/Hc 1.

<sup>42</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 123. Exemplos são a conexão Os-Jl; Sf 3.18s/Ag 1.2; o final de Ageu e a primeira visão noturna de Zacarias; Zc 8.9-23 e o início de Ml.

<sup>43</sup> Cf. NOGALSKI, “Intertextuality and the Twelve”, p. 123s.

o corpus Joel-Obadias, no estágio cinco, e, por fim, individualmente, foram incorporados Jonas e Malaquias<sup>44</sup>.

Uma posição mais recente, que de certa forma sintetiza a dos que propõem considerar o conjunto dos Doze como um único livro, o qual passou por um complexo processo de composição, é a de Erich Zenger, que agrupa, nas seguintes teses, os resultados da pesquisa quanto ao processo de surgimento do Livro dos Doze: 1) O mais tardar no tempo do exílio, os livros de Oséias, Amós, Miquéias e Sofonias são compostos para formar um “Livro de vários profetas I” (discussão com a experiência da catástrofe da ruína do estado de Judá e da época do exílio). 2) No tempo imediatamente posterior ao exílio, Ageu e Zacarias 1-8 são reunidos como “Livro de vários profetas II” (explicação da reconstrução do templo bem como discussão com as condições sociais e religiosas da “comunidade dos cidadãos reunidos ao redor do templo”). 3) Junção das duas composições de Livros de vários profetas I e II, bem como a (gradativa?) inserção de Joel, Obadias, Naum, Habacuque, e a redação continuada de Zacarias 1-8 pelo trecho de Zacarias 9-11; 12-14 (sucessivamente) e, finalmente, conclusão por meio do livro de Malaquias, nos séculos IV e III (ênfases peculiares são agora o relacionamento de Israel com as nações e a escatologização da história)<sup>45</sup>.

Ainda com relação ao grupo dos que admitem a unidade dos Doze, mencionamos, à parte, aqueles que optam por uma abordagem fundamentalmente literária da obra, trabalhando numa perspectiva meramente sincrônica, e deixando de lado qualquer consideração de corte diacrônico. Um nome representativo dessa posição é o de Paul R. House, que trabalha a questão da unidade dos Doze a partir de uma estrutura tripartida, marcada pelos temas do pecado, do castigo e da restauração. Para ele, o tema do pecado de Israel e das nações caracteriza o Livro dos Doze de Oséias a Miquéias; o tema do castigo desse pecado é abordado de Naum a Sofonias; e o tema da restauração, de Ageu a Malaquias. House vê o enredo dos Doze como cômico, no sentido literário clássico do termo, em

<sup>44</sup> SCHATZ, Aaron. *Die Entstehung des Zwölfprophetenbuchs* (BZAW 260. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1998). Apud REDDITT, “The Formation of the Book of the Twelve”, p. 16s.

<sup>45</sup> Cf. ZENGER, Erich et al. *Einleitung in das Alte Testament*. (3. Auflage. Stuttgart; Berlin; Köln: Kohlhammer, 1998), p. 467-472. Veja-se também a tradução da primeira edição dessa obra (*Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, 460-465), cujo texto, nesse ponto, é exatamente o mesmo da terceira.

contraste com o trágico<sup>46</sup>, fazendo uma abordagem sincrônica dos diversos escritos, que, para ele, exibem um caráter literário, mas sem considerar como se formaram e como foram reunidos em conjunto. Ele rejeita, portanto, a crítica da redação. Sua apresentação pode ser considerada deveras esquemática e reducionista, ignorando, entre outras coisas, a complexidade do processo de composição dos escritos e o fato de que há seções que falam de salvação nos livros que, segundo ele, tratam do pecado, e passagens que falam de juízo no material que ele relaciona ao tema da restauração<sup>47</sup>.

Herbert Marks também propõe uma abordagem literária dos Doze, sem negar a complexidade do processo de composição dos diversos escritos que compõem esse conjunto. Ele procura levar em conta tanto a realidade do texto em seu todo quanto a das “vozes” que o compõem, que são os escritos individuais. Para ele, embora a forma final (canônica) do livro tenha sido concebida para consolidar seu conteúdo complexo em uma unidade literária, os aspectos discordantes das “vozes” do livro e seus aspectos discrepantes não podem ser ignorados<sup>48</sup>.

Entretanto, como dissemos acima, a abordagem tradicional na exegese crítica, quanto ao estudo dos Profetas Menores, tem considerado que os escritos que integram o conjunto dos Doze possuem cada um sua própria história de composição e sua mensagem distinta, devendo ser considerados como obras literárias individuais.

O grande defensor atual dessa linha é Ehud ben Zvi, cujas idéias sobre o assunto encontram-se reunidas no artigo “Twelve Prophetic Books or ‘The Twelve’: A Few Preliminary Considerations”<sup>49</sup>. Segundo ben Zvi, o rolo dos Doze constitui uma coleção ou antologia de livros separados, não uma obra

<sup>46</sup> A questão é tratada também no artigo de GOTTWALD, Norman K. “Tragedy and Comedy in the Latter Prophets”, *Semeia* 32 (1985), p. 83-96.

<sup>47</sup> HOUSE, Paul R. *The Unity of the Twelve* (JSOT 77. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1990). Cf. também NOGALSKI, *Literary Precursors*, p. 10-12; JONES, *Formation*, p. 30s. A posição de House, expressa no estudo supracitado, não é modificada em sua obra *Old Testament Theology*, publicada oito anos depois, em 1998. Se a posição de House pode ser considerada excessivamente simplista, a de seus críticos, em contrapartida, pode ser considerada excessivamente complexa.

<sup>48</sup> Cf. MARKS, Herbert. “Os Doze Profetas”, in: ALTER & KERMODE, *Guia Literário da Bíblia*, p. 223-249, esp. p. 225, 228 *et passim*. Para ele, o Livro dos Doze é o mais heterogêneo da Bíblia Hebraica, “uma antologia profética que contém escritos compostos em um período de quase quinhentos anos” (p. 223).

<sup>49</sup> Cf. WATTS, James W. & HOUSE, Paul R. *Forming Prophetic Literature. Essays on Isaiah and the Twelve in Honor of John D. W. Watts*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996, p. 125-156.

unificada. Isto não significa que os livros não possam ser lidos como uma unidade, se alguém assim escolher fazê-lo, mas não há como garantir que essa fosse a intenção daqueles que o transmitiram<sup>50</sup>. O fato de os escritos dos Doze serem transmitidos em um único rolo não implica em que formem uma unidade literária, visto que, por um lado, coleções de obras ou unidades literárias independentes existiram na antiguidade e no antigo Israel (exemplos contidos na Bíblia são os livros de Salmos e de Provérbios), e, por outro, existem obras escritas em vários rolos (como, por exemplo, o Pentateuco e a História Deuteronomista)<sup>51</sup>. Também o fato de terem sido encontrados em Qumran *pesharim* de escritos individuais que compõem o conjunto dos Doze (Habacuque e Naum) pode ser interpretado como indicação de que, naquela comunidade, os Doze eram considerados como obras separadas, ainda que transmitidas em um único rolo<sup>52</sup>.

Para ben Zvi, o texto do Talmude (b. B. Bat. 13b) que fala do espaço em branco a ser deixado entre os livros bíblicos seria um testemunho em favor da independência das obras que compõem o conjunto dos Doze, não o contrário<sup>53</sup>. Também o fato de haver uma nota massorética relativa ao número total de versículos do rolo dos Doze não seria um argumento em prol de sua unidade literária, visto que há notas masoréticas concernentes aos Profetas (incluindo Anteriores e Posteriores) e a toda a Escritura<sup>54</sup>. O fato de que não parece haver uma ordem fixa para os escritos no conjunto dos Doze também deporá contra a hipótese de uma compreensão desse conjunto como uma obra unificada, pois, se a ordem dos livros era determinante para seu sentido, seria de se esperar uma ordem fixa<sup>55</sup>. A presença de alusões, textos “paralelos” (ou citações) e semelhanças

<sup>50</sup> Cf. BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 130.

<sup>51</sup> Cf. BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 131. Como ele mesmo diz na nota 20: “In other words, one cannot reconstruct ancient strategies of reading only or even mainly on the basis of the criteria of one scroll versus many scrolls.”

<sup>52</sup> Cf. BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 131.

<sup>53</sup> Cf. BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 132.

<sup>54</sup> Cf. BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 133. O próprio autor, no entanto, registra no fim da nota 22: “Yet it is also worth noticing that whereas there are Masoretic notes concerning the ‘middle verse’ of the books of Isaiah, Jeremiah and Ezekiel [namely Isa. 33.21; Jer. 28.11; Ezek. 26.1], there is no correspondent note concerning the middle verse of each prophetic book, but there is one about Mic. 3.12 as the middle verse of the Book of the Twelve.”

<sup>55</sup> BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 134, n. 24, fala de quatro seqüências diferentes, além da do TM: a da LXX, também sustentada por 4 Esdras 1.39-40; a sugerida pelo *Martírio e Ascensão de Isaías* 4.22: Am, Os, Mq, Jl, Na, Jn, Ob, Hc, Ag, Sf, Zc, MI; a sugerida por *As Vidas dos Profetas*: Os, Mq, Am, Jl, Ob, Jn, Na, Hc, Sf, Ag, Zc, MI (lista que começa com Is, Jr, Ez, Dn); e a sugerida por 4QXIIa, na qual se encontra a possível seqüência MI-Jn. Na p. 135, n. 27, ele explica

temáticas entre os Doze também não seria um argumento em favor de sua unidade literária, pois essas características podem ser encontradas entre os Doze e os outros três livros proféticos, e entre os Doze e textos não-proféticos na Bíblia Hebraica. Essas características podem ser devidas ao fato de que os escritores e redatores dos textos bíblicos viviam sob circunstâncias semelhantes, e compartilhavam um mesmo discurso teológico/ideológico e uma mesma linguagem literária. Além do mais, não só semelhanças devem ser levadas em conta, mas também dessemelhanças (descontinuidades) de estilo, perspectiva e mesmo de ideologia/teologia, para se avaliar se os livros contidos no conjunto dos Doze formam uma unidade<sup>56</sup>.

Ainda para ben Zvi, a presença de títulos em cada um dos livros proféticos que integram o conjunto dos Doze, bem como a ausência de título ou qualquer outra marca que identifique os Doze como obra unificada é “a mais significativa e inequívoca evidência interna” de que eles devem ser considerados como livros proféticos separados, como Isaías, Jeremias e Ezequiel<sup>57</sup>. Não se compreende por que teriam sido transmitidos assim, sem um título geral para todo o conjunto e com títulos para cada um de seus integrantes individuais, caso a intenção de seu(s) editor(es) fosse apresentá-los aos leitores como uma obra literária unificada<sup>58</sup>.

David L. Petersen também considera que não se deve pensar no conjunto dos Doze como um único livro. Para ele, os Doze seriam “uma antologia tematizada” (*a thematized anthology*), com foco sobre o *yôm YHWH*, que seria o tema predominante<sup>59</sup>.

---

a existência dessas várias seqüências dizendo: “the collection was first ordered in a less than authoritative, somewhat flexible order, which later on become fixed”.

<sup>56</sup> Cf. BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 135-137.

<sup>57</sup> Cf. BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 137. O restante do artigo é dedicado a mostrar, a partir sobretudo de referências ao livro de Obadias, amplamente estudado pelo autor, em sua obra *A Historical-Critical Study of the Book of Obadiah* (BZAW 242. Berlin: de Gruyter, 1996), que não há base segura para se defender a hipótese de que os Doze devem ser considerados como uma obra literária unificada, pelo contrário, cada um dos escritos que compõem o conjunto dos Doze deve ser entendido como uma unidade em si mesmo, e distinto dos demais.

<sup>58</sup> Isso fica mais claro se fizermos uma comparação entre o rolo dos Doze e o de Isaías, em que três conjuntos distintos identificados de há muito pela crítica bíblica (Is 1-39; 40-55; 56-66) são apresentados sob um único título, sem que outros títulos demarquem a segunda e a terceira partes, as quais, embora sejam obras de autores diferentes e de épocas diferentes, segundo consenso da exegese crítica, parece que devem ser lidas como formando uma unidade literária com a primeira parte, e não como obras independentes. De outra forma não se compreende por que se encontram inseridas em um mesmo rolo sem nenhuma indicação ou identificação de sua singularidade.

<sup>59</sup> Cf. PETERSEN, David L. “A Book of the Twelve?”, in: *Reading and Hearing the Book of the Twelve*, p. 3-10.

### Balanço

O fato de os escritos dos Doze Profetas Menores serem transmitidos em conjunto, num único rolo, não implica necessariamente que devam ser considerados como um único livro. Por outro lado, também não se deve pensar que sua reunião seja aleatória. O número de livros que integram esse rolo pode ser explicado não apenas por razões meramente práticas, para facilitar sua transmissão, visto que outros escritos pequenos que fazem parte da Bíblia Hebraica são transmitidos em separado, como os *Megillot*, mas principalmente a partir do simbolismo do número doze, que evoca os doze filhos de Jacó, respectivamente as doze tribos de Israel. Se considerarmos que os Doze são precedidos, na Bíblia Hebraica, de três assim chamados Profetas Maiores, poderíamos ver uma correlação entre Isaías, Jeremias e Ezequiel, por um lado, e os três patriarcas Abraão, Isaque e Jacó, por outro, e assim todo o conjunto dos Profetas Posteriores corresponderia à seqüência (segundo o esquema 3 + 12) encontrada no Pentateuco<sup>60</sup>.

Não se pode negar, em princípio, todo e qualquer valor à hipótese que propõe que o conjunto dos Doze seja considerado como um único livro e à pesquisa diacrônica dos Doze. Por outro lado, não se pode deixar de observar o caráter discutível de seus fundamentos e conclusões. Parece que os defensores dessa hipótese incorrem num erro de petição de princípio, ou de argumentação circular<sup>61</sup>.

Também não se pode negar que os escritos que compõem o conjunto dos Doze tenham passado por um processo relativamente longo e complexo de transmissão e composição, como o demonstra sobretudo o fato de conterem palavras de juízo e de salvação, um discurso que seria incoerente e contraproducente se considerado como tendo sido feito por um mesmo autor em uma mesma época.

Outra coisa que não se pode negar é que os autores dos escritos mais recentes que integram o conjunto dos Doze tenham conhecido os escritos

<sup>60</sup> A esse respeito, pode-se ver, e.g., BLENKINSOPP, *Prophecy and Canon*, p. 120s; MARKS, "Os Doze Profetas", p. 223-249, esp. p. 225.

<sup>61</sup> Para isso, chama a atenção BEN ZVI, *Twelve Prophetic Books*, p. 137s, 142.

anteriores, e tenham elaborado suas obras utilizando temas e motivos já trabalhados pelos que os antecederam, mesmo que os escritos sejam considerados como independentes, cuja intenção não fosse necessária e exclusivamente a de fazer parte de um suposto conjunto em crescimento, mas sim a de responder a problemas de seu próprio contexto. Sendo assim, a presença de temas e motivos comuns aos vários escritos que atualmente integram o conjunto dos Doze pode, antes, ter favorecido e guiado o trabalho dos editores do rolo em sua forma final.

Mas a questão de se os Doze devem ou não ser lidos como um único livro deve permanecer em aberto.

## 1.2

### O Livro de Malaquias

Quanto ao Livro de Malaquias, especificamente, as posições dos estudiosos, como sói acontecer com todas as partes da Bíblia, variam muito. As questões levantadas sobre este último integrante do Livro dos Doze Profetas também são várias.

Quanto à datação do Livro de Malaquias, pode-se dizer que há um certo consenso no sentido de situá-lo no período pós-exílico. O Livro de Malaquias é, em geral, situado no período persa, mais precisamente na primeira metade do século quinto, depois do tempo de atuação de Ageu e Zacarias, e antes das reformas de Esdras e Neemias. Fundamento textual para essa posição encontra-se, por exemplo, em trechos como MI 1.10; 3.1; 3.10, que pressupõem o templo de Jerusalém e seu culto em funcionamento, o que exclui o período exílico, e em MI 1.8, que fala de um governador (pehâ), com toda a probabilidade indicando um representante do império persa, o que exclui o período pré-exílico. A menção à queda de Edom, em 1.4, embora não possa ser datada com precisão absoluta, remete-nos ao período pós-exílico, uma vez que Edom, especialmente no Livro de Obadias, é acusado de cumplicidade com os babilônios quando da queda de Jerusalém, em 587/6 a.C. Também entram em consideração a suposição da

passagem de um certo tempo desde o reinício das atividades cúlticas em Jerusalém, para que surgissem os problemas cúlticos aí tratados; e a falta de referência às figuras de Esdras e Neemias ou a suas reformas. Mesmo aqueles que admitem que o Livro de Malaquias não foi escrito de uma única vez, mas passou por um processo de composição, entendem que, ao menos em seu núcleo básico, o escrito pode ser situado sem problemas na época geralmente proposta.

A posição mais comum, quanto à datação mais precisa do Livro de Malaquias, é aquela que situa o Livro de Malaquias no período entre Ageu e Zacarias, por um lado, e Neemias e Esdras, por outro. Essa posição é compartilhada por autores como Dentan; Elliger; Baldwin; Rudolph; Glazier-McDonald; Redditt<sup>62</sup>. Hill, em seu artigo “Dating the Book of Malachi: A Linguistic Reexamination”, pensa numa data entre 520-450 a.C., mais exatamente entre 515-458 a.C., ou seja, entre a reinauguração do Templo e o início do ministério de Esdras, que ele entende dever situar-se antes do de Neemias. Este período é chamado por Hill de período de “declínio pré-Esdras” (“pre-Ezra decline”)<sup>63</sup>.

Assim, parece haver um certo consenso de que o Livro de Malaquias deve ter surgido entre a época de Ageu e Zacarias, que é a da reconstrução do templo de Jerusalém, 520-515 a.C., e os ministérios de Neemias e Esdras, a partir de 445 a.C.<sup>64</sup>

Quanto à estrutura do livro, encontramos uma certa concordância entre os pesquisadores, que, em sua maioria, propõem uma divisão do livro em seis perícopes, concordando quanto ao seu número e extensão: 1.2-5; 1.6-2.9 (subdivida em duas seções: 1.6-14 e 2.1-9); 2.10-16; 2.17-3.5; 3.6-12; 3.13-21. Há

<sup>62</sup> Cf. DENTAN, “The Book of Malachi”, *IB* 6, p. 1117s; ELLIGER, *Das Buch der zwölf Kleinen Propheten II*, p. 188s; BALDWIN, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 213; RUDOLPH, *Haggai – Sacharja 1-8 – Sacharja 9-14 – Maleachi*, p. 248s; GLAZIER-McDONALD, *Malachi*, p. 14-18; REDDITT, “The Book of Malachi in Its Social Setting”, p. 242; REDDITT, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 149s. Por outro lado, VERHOEF, *The Books of Haggai and Malachi*, p. 158s, pensa no período entre as duas estadas de Neemias em Jerusalém.

<sup>63</sup> HILL, “Dating the Book of Malachi: A Linguistic Reexamination”, p. 77-89 (esp. p. 86). Embora discordemos da colocação do ministério de Esdras antes do de Neemias, o mais importante aqui é que o Livro de Malaquias é situado *antes* do período de atuação de Neemias e Esdras. Na mesma linha, WEISER, *The Old Testament*, p. 275s.

<sup>64</sup> Para a localização do ministério de Esdras a partir do 7º ano de Artaxerxes II (398/7 a.C.), portanto após o de Neemias, veja-se MILLER & HAYES, *A History of Ancient Israel and Judah*, p. 468s, 472; WIDENGREN, “The Persian Period”, p. 509, 535; ALBERTZ, *A History of Israelite Religion in the Old Testament Period II*, p. 617 n. 15; DONNER, *História de Israel e dos povos vizinhos 2*, p. 474s.

também certo consenso em considerar 1.1 como o título do livro, e 3.22-24 como um apêndice (ou, mais precisamente, dois: 3.22 e 3.23s)<sup>65</sup>.

No que toca ao gênero literário, o Livro de Malaquias tem sido considerado como uma coleção de palavras de disputa, especialmente a partir do trabalho de Egon Pfeiffer<sup>66</sup>. A estrutura dessas palavras de disputa é quase sempre a mesma, consistindo de: a) afirmação inicial do profeta ou de Deus por seu intermédio; b) objeção dos ouvintes; c) desdobramento da afirmação inicial; d) conseqüências. Embora haja uma aceitação mais ou menos generalizada dessa classificação das perícopes do Livro de Malaquias, ela não é unânime<sup>67</sup>, como se vê especialmente no trabalho de Karl William Weyde, que atribui a cada perícopa do Livro de Malaquias uma forma distinta<sup>68</sup>.

Quanto aos temas tratados em Malaquias, são vários, e podem ser assim identificados: Ml 1.2-5 fala do amor de Deus por Israel, que leva aquele a escolher este em detrimento de Edom; Ml 1.6-2.9 trata de problemas cultuais, condenando os erros do sacerdócio; Ml 2.10-16 aborda a questão dos casamentos mistos e do divórcio; Ml 2.17-3.5 anuncia a futura purificação dos filhos de Levi e o castigo dos ímpios; Ml 3.6-12 convida à fidelidade na entrega de dízimos e ofertas; Ml 3.13-21 anuncia uma futura separação entre justos e ímpios, com a salvação dos primeiros e o castigo dos últimos.

Com respeito à identidade do autor do livro, dividem-se os estudiosos entre aqueles que entendem que Malaquias é nome próprio e aqueles para os quais

<sup>65</sup> Assim, e. g., RUDOLPH, *Haggai – Sacharja 1-8 – Sacharja 9-14 – Maleachi*, p. 247-299; CHILDS, *Introduction to the Old Testament as Scripture*, p. 488-498; NOGALSKI, *Redactional Processes*, p. 183; HILL, *Malachi*, p. viii et passim. Exceções quanto ao número de unidades são: VERHOEF, *The Books of Haggai and Malachi*, p. x et passim, que propõe uma divisão do livro em sete perícopes, considerando as duas seções de 1.6-2.9 como independentes; e DORSEY, *The Literary Structure of the Old Testament*, p. 323, que também divide o livro em sete perícopes, e propõe para ele uma estrutura concêntrica: (a) 1.2-5; (b) 1.6-14; (c) 2.1-9; (d) 2.10-16; (c') 2.17-3.6; (b') 3.7-12; (a') 3.13-21. Para uma discussão mais detalhada, ver o Capítulo 4 desta tese.

<sup>66</sup> Cf. PFEIFFER, Egon. “Die Disputationsworte im Buche Maleachi. Ein Beitrag zur formgeschichtlichen Struktur”, *Ev Th* 19 (1959), p. 546-568.

<sup>67</sup> Hans Jochen BOECKER, em seu artigo “Bemerkungen zur formgeschichtlichen Terminologie des Buches Maleachi”, *ZAW* 78 (1966), p. 78-80, modifica ligeiramente a proposta de Pfeiffer, classificando as perícopes de Malaquias como palavras de discussão (*Discussionsworte* ou *Streitgespräche*). Cf. GLAZIER-McDONALD, *Malachi: The Divine Messenger*, 20s. Por sua vez, David L. PETERSEN, *Zechariah 9-14 and Malachi*, p. 29-35, propõe que se classifiquem as perícopes de Malaquias como “discursos semelhantes à diatribe” (diatribe-like discourses), entendendo que o autor do livro se teria servido de um modelo literário do mundo helenístico. Para mais detalhes, ver o Capítulo 4 desta tese.

<sup>68</sup> WEYDE, Karl William. *Prophecy and Teaching* (Berlin; New York: Walter de Gruyter, 2000), p. viii-xii et passim.

o termo deve ser visto como um título<sup>69</sup>. Em última análise, a nosso ver, a questão não tem grande relevância. Antes, bem mais importante é saber a que grupo social pertenceria o(s) autor(es) do Livro de Malaquias. Para Glazier-McDonald, por exemplo, o autor do escrito pode ter sido um profeta cáltico, algo que seria sugerido por seu interesse e seu conhecimento das questões ligadas ao culto<sup>70</sup>. Tem-se pensado também que o autor do Livro de Malaquias seria um levita, ou antes, que os responsáveis pelo livro pertenceriam aos círculos levíticos. Esta é a posição de estudiosos como, por exemplo, Hanson, o qual atribui o Livro de Malaquias a um grupo de levitas destituídos de direitos (*disenfranchised Levites*)<sup>71</sup>; e Redditt, para quem a maior parte do escrito provém de um levita anônimo não-zadoquita, e a forma final deriva do trabalho de um redator levítico dissidente<sup>72</sup>. Não há como duvidar de que questões cálticas sejam uma das preocupações principais do Livro de Malaquias. E que o escrito esteja ligado a círculos levíticos soa ao menos plausível, pelas críticas que são feitas, particularmente na segunda perícopes, aos sacerdotes, que parecem constituir um grupo distintos dos levitas, e o interesse demonstrado por estes (por seu status como mediadores da relação entre YHWH e o povo, na segunda perícopes; e por sua pureza/purificação, na quarta perícopes).

Outra questão importante é aquela sobre o processo de composição do Livro de Malaquias, bem como a questão de sua inserção no cânon. Seria essa uma obra saída de uma única mão ou poder-se-ia identificar nela a presença de outras intervenções? Neste caso, quando e por que teriam sido feitos acréscimos ao texto inicial? Como seriam esses acréscimos? Simples palavras, frases, versículos, ou perícopes inteiras? Teria o Livro de Malaquias tido uma existência independente antes de entrar no conjunto dos Doze, ou só se teria tornado independente depois?

Entre os autores que não admitem que o Livro de Malaquias tenha recebido acréscimos posteriores, e/ou passado por um processo de composição em várias etapas, mas é inteiramente obra de um único autor, pode-se citar Joyce G.

<sup>69</sup> Sobre isto, ver mais no próximo capítulo desta tese.

<sup>70</sup> Cf. GLAZIER-McDONALD, *Malachi*, p. 274.

<sup>71</sup> Cf. HANSON, *The Dawn of Apocalyptic*, p. 400; *The People Called*, p. 281; apud HILL, *Malachi*, p. 15 n.1. Cf. também REDDITT, “The Book of Malachi in Its Social Setting”, p. 240, n. 2.

<sup>72</sup> Cf. REDDITT, “The Book of Malachi in Its Social Setting”, p. 241.

Baldwin<sup>73</sup>. Em seu sucinto comentário de cerca de quarenta páginas, originalmente publicado em 1972, Baldwin vê o livro como uma unidade em sua essência<sup>74</sup>. Pensa inclusive que os três últimos versículos podem ter saído da mão de Malaquias<sup>75</sup>, termo que, para ela, não é um título, mas um nome próprio de um contemporâneo de Esdras e Neemias, porém precedendo-os no tempo<sup>76</sup>. Não admitindo que o Livro de Malaquias tenha passado por um processo de composição em várias etapas, nem sequer acréscimos posteriores ao escrito original de Malaquias, Baldwin fala tão-somente de possíveis interferências sofridas pelo texto de 2.15-16, ocorridas ainda antes de as versões terem sido feitas, interferências essas realizadas talvez por escribas que não tenham concordado com sua mensagem e tenham tentado tornar o texto mais atraente<sup>77</sup>.

Na mesma linha vai o trabalho de Beth Glazier-McDonald, que também não admite acréscimos secundários ao Livro de Malaquias, antes lê o texto como um todo unificado, incluindo os apêndices<sup>78</sup>.

Outro autor que entende que há uma unidade essencial no Livro de Malaquias é Brevard S. Childs<sup>79</sup>. No entanto, Childs distingue-se de Baldwin por admitir que os dois apêndices (3.22 e 3.23s) foram introduzidos no livro por editores<sup>80</sup>. Além disso, ele entende que o trecho 3.16 também tem caráter redacional<sup>81</sup>.

Posição semelhante encontra-se em Andrew E. Hill, que, em seu volumoso comentário para a coleção *The Anchor Bible*, de 1998, aceita apenas os apêndices como acréscimos editoriais<sup>82</sup>.

Entretanto, diversos outros estudiosos, servindo-se das conclusões da crítica literária, identificam a presença de acréscimos ao longo do texto do Livro de Malaquias. Isto pode ser notado já no aparato crítico da BHS, por exemplo, que sugere a presença de vários versículos acrescentados ao texto: 1.11-13; 1.14; 2.2;

<sup>73</sup> BALDWIN, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 211-253.

<sup>74</sup> BALDWIN, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 213.

<sup>75</sup> BALDWIN, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 214s; 251.

<sup>76</sup> BALDWIN, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 211-213; 221.

<sup>77</sup> BALDWIN, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. 215; 240s.

<sup>78</sup> GLAZIER-McDONALD, *Malachi: The Divine Messenger*, p. 243-270.

<sup>79</sup> CHILDS, *Introduction to the Old Testament as Scripture*, p. 488-498.

<sup>80</sup> CHILDS, *Introduction*, p. 495.

<sup>81</sup> CHILDS, *Introduction*, p. 496.

<sup>82</sup> HILL, *Malachi*, p. 45 et passim.

2.11c-12; 2.15 (quase todo); 3.1e-f; 3.3-4; 3.22; 3.23-24, além de outras adições menores aqui e ali<sup>83</sup>.

Karl Elliger, em seu comentário ao Livro de Malaquias, edição de 1967, identifica como acréscimos os seguintes trechos: 1.11-13, 14; 2.2, 7, 11c-13a, 15a-c, 16e-f; 3.1e-f, 3s, 22, 23s<sup>84</sup>.

Deissler, em seu breve comentário a Malaquias<sup>85</sup>, publicado em 1988, afirma, na seção introdutória, que: a palavra de discussão 3.13-21 deve ser de data posterior a 2.17-3.5<sup>86</sup>; 3.1b-4 é de um escriba mais recente<sup>87</sup>; os apêndices encontrados em 3.22-24 também são de época posterior<sup>88</sup>. No corpo do comentário, Deissler afirma que o título 1.1 é seguramente redacional<sup>89</sup>. Com relação à primeira perícopes, 1.2-5, Deissler não identifica problemas redacionais. Já quanto à segunda, 1.6-2.9, Deissler pensa que o texto final da perícopes pode ser resultante de um trabalho redacional, entendendo que o 1.7 antecipa 1.12 e perturba o contexto em seu lugar atual, e que o dito de maldição em 1.14, por dirigir-se subitamente a leigos, poderia ter sido inserido por um redator, sem excluir a possibilidade de que esse dito seja uma palavra de Malaquias transmitida isoladamente<sup>90</sup>. No entanto, Deissler não considera 1.11 uma inserção, como fazem tantos outros, visto que, para ele, este versículo apresenta-se bem encaixado em seu contexto<sup>91</sup>; também não parece considerar 2.2a e 2.7 como inserções tardias, como frequentemente se faz<sup>92</sup>. Na terceira perícopes, Deissler não aponta acréscimos. Na quarta, como já adiantara na introdução, Deissler considera 3.1b-4 como fruto do trabalho de um complementador<sup>93</sup>. Na quinta perícopes, o autor não encontra problemas redacionais. Na sexta, Deissler diz que não se pode considerar com certeza 3.21 como original<sup>94</sup>.

<sup>83</sup> BHS, 1081-1086. Seguimos a divisão de versículos que adotamos no Capítulo 3, fazendo a partir daqui as devidas adaptações com relação às indicações de referências de outros autores.

<sup>84</sup> ELLIGER, *Das Buch der zwölf Kleinen Propheten*, p. 188-217.

<sup>85</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 315-338.

<sup>86</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 315s.

<sup>87</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 316.

<sup>88</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 317.

<sup>89</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 319.

<sup>90</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 321, 324.

<sup>91</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 322.

<sup>92</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 325.

<sup>93</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 330s.

<sup>94</sup> DEISSLER, *Zwölf Propheten III*, p. 334.

Por outro lado, diversos estudiosos, sobretudo no âmbito da exegese de expressão alemã, preferem falar de um processo de composição em etapas para o Livro de Malaquias, em vez de falar apenas de acréscimos redacionais ao escrito.

Erich Bosshard e Reinhard Gregor Kratz, por exemplo, em artigo de 1990<sup>95</sup>, afirmam que o Livro de Malaquias apresenta três camadas redacionais, cada uma delas com seu particular horizonte literário, sendo a primeira uma camada básica e outras duas oriundas de um trabalho de refundição do escrito<sup>96</sup>. O estrato básico (*Grundschicht*, chamado Mal I) contém a maior parte do escrito (1.2-5; 1.6-2.9; 3.6-12), mas recebe uma expansão em um segundo estrato (*Überarbeitungsschicht*, Mal II), que contém duas unidades adicionais (2.17-3.5; 3.13-21). Um estrato final (*Schlußschicht*, Mal III) inclui várias inserções menores (Ml 1.1, 14a; 2.10-12; 3.22-24). O trecho 2.13-16 não é discutido<sup>97</sup>. Esses autores afirmam que todos os três estratos pressupõem o papel de Malaquias como conclusão do Livro dos Doze. Somente com a inclusão do título, com a última camada, o material tomou a forma de um escrito independente<sup>98</sup>. Para eles, Mal I jamais foi um livro independente em si mesmo, mas era originalmente a continuação redacional de Ag/Zc 1-8, ligando-se literariamente não só a esse conjunto, mas também tendo em vista o contexto de Os-Zc como um todo<sup>99</sup>. Mal II, considerado como *Fortschreibung* de Mal I, também se liga ao contexto mais amplo dos Doze, particularmente a Zc 9-14, texto que lhe seria anterior e com o qual apresentaria ligações cruzadas (*Querverbindungen*)<sup>100</sup>. Mal III viria mais tarde completar a redação de Malaquias, concluindo o Livro dos Doze Profetas e enquadrando-o no contexto mais amplo da segunda parte do cânon, os Nebi'im<sup>101</sup>.

Odil Hannes Steck, que vê uma relação entre a formação do Livro de Isaías e o Livro dos Doze, entende que Malaquias 1.2-5; 1.6-2.9; 3.6-12; e talvez 2.13-16 derivam do período persa, tendo sido redigidos como acréscimo a Zacarias 1-8, ao passo que Malaquias 1.1; 2.10-12; 3.22-24 provêm do período

<sup>95</sup> BOSSHARD, Erich e KRATZ, Reinhard Gregor. “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, *BN* 52 (1990), p. 27-46.

<sup>96</sup> Cf. BOSSHARD e KRATZ, “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, p. 27.

<sup>97</sup> Cf. BOSSHARD e KRATZ, “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, p. 29.

<sup>98</sup> Cf. BOSSHARD e KRATZ, “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, p. 35.

<sup>99</sup> Cf. BOSSHARD e KRATZ, “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, p. 35s.

<sup>100</sup> Cf. BOSSHARD e KRATZ, “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, p. 41s. Na p. 43, os autores apresentam a seguinte cronologia relativa: 1) Zc 1-8; 2) Mal I; 3) Zc 9-13; 4) Zc 14; Mal II; 5) Mal III, deixando em aberto a possibilidade de que Zc 14 e Mal II pertençam ao mesmo nível literário.

<sup>101</sup> Cf. BOSSHARD e KRATZ, “Maleachi im Zwölfprophetenbuch”, p. 45s.

entre os anos 220 e 201 ou 198 e 190, tendo sido nessa ocasião o livro todo de Malaquias separado do de Zacarias, para formar o décimo-segundo livro do conjunto dos Doze<sup>102</sup>.

Theodor Lescow, em dois textos de sua autoria – um artigo, publicado em 1990, e um livro, de 1993, onde são expandidas as idéias do artigo anterior<sup>103</sup> –, fala de um processo de crescimento do Livro de Malaquias e de cada uma de suas perícopes em três fases ou estágios. Inicialmente, tem-se um escrito básico, formado por seis *torot*, que teriam sido diálogos didáticos proféticos, organizados segundo um esquema tripartite, constituído de palavra de abertura de discurso/objeção; *torá*; e palavra conclusiva (*Redeeröffnung/Einrede – Tora – Schlußwort*). Tal esquema corresponde ao que, na teoria da comunicação, chama-se jogo de ação comunicativa (*kommunikatives Handlungsspiel*), composto de tese-contratese; argumentação em favor da tese; e confirmação da tese (*These/Gegenthese – Beweisführung für die These – Bekräftigung der These*). Num segundo momento, os textos teriam sido reorganizados em discursos de controvérsia (*Streitreden*), tendo passado por um processo amplo de prosificação, através de comentários complementares e ampliações. Por fim, numa fase ulterior de reelaboração, teriam sido efetuadas extensas glosas, chegando os textos a sua forma atual<sup>104</sup>.

Segundo Lescow, o escrito básico teria sido formado por volta de 480 a.C., sendo concebido literariamente e redigido anonimamente. Isto o distingue por princípio do profetismo pré-exílico, que se baseava na comunicação oral de um profeta conhecido por nome com seu círculo de ouvintes. Testemunha-se aqui o surgimento de uma nova forma de comunicação literária, um novo tipo de profetismo. Originalmente, estes oráculos anônimos eram discursos didáticos proféticos arranjados em um modelo tripartido de discurso, objeção e refutação (réplica), e instrução do tipo *Torá*. A transformação do escrito básico em “modelos de pregação” teria acontecido no fim do século V (por volta de 410 a.C.). Durante este segundo estágio, os discursos proféticos foram transformados

<sup>102</sup> STECK, Odil Hannes, *Der Abschluss der Prophetie im Alten Testament: Ein Versuch zur Frage des Vorgesichte des Kanons* (BTS 17. Neukirchen: Neukirchener Verlag, 1991), p. 196-198. Apud REDDITT, “The Formation of the Book of the Twelve”, p. 21s.

<sup>103</sup> Cf. LESCOW, Theodor. “Dialogische Strukturen in den Streitreden des Buches Maleachi”, *ZAW* 102 (1990), p. 194-212; id., *Das Buch Maleachi: Texttheorie – Auslegung – Kanontheorie*. Stuttgart: Calwer Verlag, 1993.

<sup>104</sup> Cf. LESCOW, “Dialogische Strukturen”, p. 212.

em disputas por um editor desconhecido como uma resposta à crise na adoração enfrentada pela comunidade da restauração em Jerusalém. Estas expansões suplementares e anotações incluíam os elementos interrogativos do livro e em larga medida explicam a forma prosaica do texto. Os comentários e as glosas, de natureza cúlta e teológica, são de cerca de cem anos depois, ou seja, no início da época helenista, e se enraízam nas reformas baseadas na Torá implementadas na Judá pós-exílica<sup>105</sup>.

Importante destacar, na posição de Lescow, seu entendimento de que cada uma das perícopes do Livro de Malaquias passa pelo mesmo processo de crescimento em três etapas. Segundo ele, não temos acesso a nenhuma delas em sua forma original, mas apenas como resultado de reelaborações posteriores.

Zenger, por sua vez, admite a existência de um escrito básico em Ml 1.2-3.12, cuja redação teria sido continuada em 3.13-21 (texto que traz um conceito do dia de YHWH diferente do de 2.17-3.5) e qualificada, pelo epílogo acrescentado em duas fases (3.22 e 3.23-24), como encerramento de todo o corpus profético (Isaías a Malaquias) e relacionada com a Torá. Zenger parte do pressuposto de que, no processo de redação continuada por 3.13-21, também foram realizadas, em 1.6-2.9, bem como em 2.17-3.5, inclusões revisionais menores<sup>106</sup>.

Diferente é a posição de James Nogalski. Em sua análise do Livro de Malaquias, esse autor parte da observação do fenômeno das palavras-gancho, que ligam o texto de Malaquias 1.1-14 ao de Zacarias 8.9-23. Isto indica que o texto de Zacarias 9-14 entrou entre ambos quando já existiam lado a lado no Livro dos Doze. Assim, Nogalski opõe sua teoria a duas outras muito aceitas: a de que Zacarias 1-8 e Zacarias 9-14 formavam um único corpus antes de sua inclusão no Livro dos Doze, e a de que Zacarias 9-14 e Malaquias formavam um único escrito (tese baseada na semelhança entre os títulos de Zc 9.1; 12.1 e Ml 1.1, mas sem levar em conta as diferenças entre as formulações e seus respectivos contextos) e entraram no corpus dos Doze ao mesmo tempo, com Malaquias sendo separado para formar o décimo-segundo livro do conjunto<sup>107</sup>. Para Nogalski, vários textos

<sup>105</sup> Cf. LESCOW, “Dialogische Strukturen”, p. 194-212, e, do mesmo autor, *Das Buch Maleachi. Texttheorie – Auslegung – Kanontheorie*. Cf. também HILL, *Malachi*, p. 20, e ZENGER, *Einleitung*, p. 530-533.

<sup>106</sup> Cf. ZENGER, *Einleitung*, p. 533.

<sup>107</sup> NOGALSKI, *Redactional Processes*, p. 187-189.

de Malaquias são construídos a partir de outros já existentes (Ml 1.2-5 se serve de Obadias; Ml 3.10s, de Joel; Ml 3.22, de Josué; Ml 3.23, de Joel novamente), e o livro como um todo teria sido composto para ocupar sua posição atual no Livro dos Doze, como sua conclusão, por volta do final do período persa<sup>108</sup>.

Paul L. Redditt, em artigo de 1994, entende que o Livro de Malaquias é composto de duas séries de mensagens escritas que condenam pecados interpessoais e pecados cúlticos. A primeira série, formada por 1.6-2.9; 2.13-16, acusa os sacerdotes, ao passo que a outra, formada por 2.17-3.1a + 5; 1.2-5 + 3.6-7; 3.8-12; 2.10-12; e talvez também 3.13-15, acusa o povo como um todo. Essas mensagens derivariam de um levita não-zadoquita. O redator do livro, possivelmente pertencente a uma comunidade levítica dissidente, teria, mais tarde, integrado essas duas séries de mensagens e acrescentado a elas algumas passagens: 1.1; 3.1b-4; 3.13-21. Seus acréscimos teriam a finalidade de prometer proteção à comunidade, a conversão de alguns céticos, e a purificação dos levitas, com a conseqüente purificação da adoração no templo no vindouro Dia de YHWH<sup>109</sup>.

Em seu comentário ao Livro de Malaquias, publicado no ano seguinte (1995), o mesmo Paul Redditt reafirma sua posição anterior, de que o escrito seria obra de um levita não-zadoquita, que se opunha a práticas e reivindicações do sacerdócio de Jerusalém<sup>110</sup>.

Neste contexto, também é interessante mencionar o estudo de Yehuda T. Radday e Moshe A. Pollatschek, os quais, analisando estatisticamente, com auxílio de programas de computador, o vocabulário dos livros proféticos pós-exílicos, chegam à conclusão, quanto ao Livro de Malaquias, de que o cap. 3 diverge consideravelmente, em termos lingüísticos, dos caps. 1 e 2, o que constituiria indício de que o cap. 3 provém de outra mão<sup>111</sup>.

Deve-se mencionar ainda aqueles que, sem entrar no mérito da discussão quanto ao processo de composição do Livro de Malaquias, preferem abordá-lo apenas na perspectiva sincrônica, analisando-o exclusivamente em sua forma final, posição que, ainda que não seja de todo satisfatória, pois não se pode

<sup>108</sup> NOGALSKI, *Redactional Processes*, p. 190-212.

<sup>109</sup> Cf. REDDITT, "The Book of Malachi in Its Social Setting", p. 241, 254.

<sup>110</sup> Cf. REDDITT, *Haggai, Zechariah, Malachi*, p. xxviii.

<sup>111</sup> Cf. RADDAY and POLLATSCHEK, "Vocabulary Richness in Post-Exilic Prophetic Books", *ZAW* 92 (1980), p. 333-346.

compreender em sua inteireza a mensagem de um escrito bíblico sem uma idéia de seu longo e complexo processo de composição, tem o mérito de valorizar a forma final do escrito, considerada canônica pelas comunidades judaica e cristã<sup>112</sup>.

### Balanço

Embora não se possa negar valor aos trabalhos sobre o Livro de Malaquias de corte diacrônico, não se deve perder de vista o caráter altamente hipotético de muitas de suas contribuições, o que ajuda a explicar muitas discordâncias entre eles.

A questão mais séria a dividir os estudiosos parece-nos ser a que toca ao status do Livro de Malaquias, se este deve ser visto como um escrito independente, ou como uma obra produzida para integrar um suposto Livro dos Doze, questão esta que não pode ser dada ainda como resolvida.

Mas um ponto que parece consensual, ao menos entre os estudiosos de linha mais crítica, é quanto ao caráter secundário do capítulo 3 do Livro de Malaquias, ou ao menos de sua última perícopes, MI 3.13-21, em relação ao restante do escrito, o que reforça a suspeita de que ela desempenhe algum papel especial.

---

<sup>112</sup> É o que fazem estudiosos como Hill, em seu comentário a Malaquias, e Weyde, em seu trabalho intitulado *Prophecy and Teaching*, ambos já mencionados anteriormente. Cf. também o comentário de Sweeney, *The Twelve Prophets*, na Série Berit Olam, numa perspectiva exclusivamente literária. A parte referente a Malaquias encontra-se nas páginas 711-752.